

D. JOÃO DA CÂMARA

---

TEATRO COMPLETO

---

IV



---

MMVII

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

*Título:* Teatro Completo  
Vol. IV

*Autor:* D. João da Câmara

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM

*Revisão do texto:* Paula Lobo

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Novembro de 2007

*ISBN:* 978-972-27-1497-6

*Depósito legal:* 235 272/05

*oferta*

D. JOÃO DA CÂMARA

---

TEATRO COMPLETO

---

IV

OBRAS EM COLABORAÇÃO

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2007

Edição realizada no âmbito do protocolo  
entre o Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa  
e a Imprensa Nacional-Casa da Moeda

D. JOÃO DA CÂMARA • GERVÁSIO LOBATO

*O SOLAR DOS BARRIGAS*

**Opereta**

*Nota:* Os diálogos da opereta são transcritos a partir do documento manuscrito da Biblioteca Nacional, com data de Agosto de 1892, assinada pelo copista Armando Silva Porto, que apenas regista a localização da música, por números, sendo as respectivas coplas transcritas a partir de *O Solar dos Barrigas*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, *Colecção de Coplas de Diversas Óperas Cómicas*, n.º 1 (3.ª ed.), s. d. As lacunas persistentes são indicadas com «[...]».

Representada, pela primeira vez, no Teatro da Rua dos Condes, em 4 de Setembro de 1892. Actores: *Ángela Pinto, Vale, Elvira Mendes, Cardoso, Gomes, Bárbara, Lima, Santos, Salvador.*

# O SOLAR DOS BARRIGAS





Do unido e applaudido triumvirato dramático, formado por Cyriaco de Cardoso, D. João da Camara e Gervasio Lobato, temos agora uma nova peça, by dias representada pela primeira vez no theatro da rua dos Condes. O solar dos Barrigas tal é o título da graciosa obra, para a qual Cyriaco escreveu lindos trechos de musica fresca, popular, alegre, D. João da Camara recortou versos cheios de malícia uns, outros cheios de ingenuidade, e Gervasio abriu a vermelha boceta da velha graça portuguez, espumante e embriagante como o vinho.

A peça foi e continua a ser muito bem desempenhada, sendo poucos os *bravos* e as *palissas* que saudaram o trabalho de Angela Pinto como actriz e o de Valle como ensaador e como actor, sempre cheio de talento e de correcção.



# O SOLAR DOS BARRIGAS

## PERSONAGENS

TRAJANO PIRES  
AGAPITO SOLENE  
MESURAS  
RAMIRO  
SIMPLÍCIO PESCADINHA  
TAXADAS  
COCHICHO  
PAPA-LÉGUAS  
REGEDOR  
NARCISO  
ANASTÁCIA  
D. PROCÓPIA GÓIS  
MANUELA  
FIFI  
D. PELÁGIA BARRIGA  
ANICA  
EMÍLIA  
1.º SALOIA  
1.º SALOIO  
2.º SALOIO  
Um CRIADO

Saloios, saloias, criados, criadas, cabos de polícia, velhas,  
cocheiros, raparigas, guardas, forcados, capinhas, etc.

*A acção passa-se na Ameixoeira, 18...*

## Acto I

### CENA I

Saloios, saloias, criados, criadas, arranjando com flores, buxo e verdura a fachada do palácio, pondo colchas às janelas, arranjando bandeiras para mais tarde se desfraldarem, etc., e depois MESURAS

CORO — MÚSICA N.º 1

#### CRÍADOS

Venham flores, venha buxo,  
Venham colchas de primor!  
Veja a casa novo luxo,  
Buxo e sedas, muita flor.

#### SALOIAS

Vamos ver que novas caras  
No palácio vêm morar,  
Novos donos das searas,  
Novos donos do pomar.

#### SALOIAS

Novos donos da capela,  
Novos donos do jardim.  
Quem saudades nos debela?  
De Ramiro não tem fim.

#### CRÍADOS

Saloiada tagarela  
Deves ter cuidado; assim  
Como dás à taramela  
Dar ao dente no festim.

#### SALOIAS

Pouca língua e muito dente  
Nós teremos, se convém.

#### CRÍADOS

O conselho é ter presente  
De Mesuras que ali vem.

*(Entra Mesuras.)*

## SALOIAS e CRIADOS

Viva lá, senhor Mesuras,  
Em mesuras um doutor;  
Desça um pouco das alturas,  
Fale à gente, por favor.

## MESURAS

Meu padrinho deu-me o nome  
D'Anacleto Alcaforado,  
Mas Mesuras sou chamado  
Por mais nobre certidão.  
Sou Mesuras, sou pra tudo  
Quanto cheire às etiquetas,  
Eu sou mestre dos jarretas,  
E na corte um sabichão.

## MESURAS e TODOS

Razão científica  
Que nunca esbarra  
A fama trouxe- { me  
                          { lhe  
De grande barra  
Nos casos múltiplos  
Que a história narra  
D'aquém do Atlântico  
Mais d'além-mar.  
Tenho } a pragmática  
Tem }  
Toda encaixada  
Na tola fervida  
Sempre esquentada  
De tanta dúvida,  
Tanta maçada  
De tantos séculos  
A decifrar.

MESURAS

Sei curvar-me, dar o braço,  
E falar em pergaminhos,  
Em matéria de pontinhos  
Por i nunca houve melhor.  
Já na rua dou nas vistas,  
Mas nas salas sou portento,  
Que dum sábio cumprimento  
Os três tempos sei de cor.  
Razão científica  
Etc.

MESURAS (*depois de cantar*) — E agora toca a aviar que não tarda aí o dono da casa, o novo senhor do Solar dos Barrigas! (*Rumores.*) O que vem a ser isso? Porque estão vocês a rosnar, cambada?

1.<sup>a</sup> SALOIA — O verdadeiro senhor do solar é o menino Ramirinho.

TODOS — É, é, é o menino Ramiro.

MESURAS — Qual menino Ramiro, o senhor do solar é o mui nobre e mui poderoso D. Trajano Pires, meu amo e senhor.

SALOIAS — Ora! Ora!

MESURAS — É isto que eu lhes digo. As horas estão no relógio.

1.<sup>a</sup> SALOIA — O palácio é do nosso menino.

SALOIAS — É, é... foi sempre.

MESURAS — Foi mas já não é.

1.<sup>a</sup> SALOIA — Não quero cá saber. O palácio é da fidalga de Arronches e, portanto, é do menino Ramiro, que é o único herdeiro dela.

MESURAS — Anda cá pateta. De quem é esse lenço que tu trazes na cabeça?

1.<sup>a</sup> SALOIA — De quem é? É meu! Comprei-o na *cedade* custou-me um pinto.